



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i2.1494>



Ptagonistas de suas prprias histrias: populao negra do Morro dos Cabritos em Natividade (RJ)

Mrcia Aparecida de Souza*

ORCID iD 0000-0002-2761-3224

Universidade Federal do Cear, Fortaleza, Brasil

Henrique Cunha Junior*

ORCID iD 0000-0002-9664-5545

Universidade Federal do Cear, Fortaleza, Brasil

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em Educao que trata sobre as inseres urbanas da populao negra no ps-abolio, na cidade de Natividade (RJ), a partir dos conhecimentos e valores de matriz africana que so transmitidos atravs da oralidade nos bairros negros do referido municpio. Discorre-se sobre os ensinamentos afrorreferenciados transmitidos de gerao a gerao, que formam uma educao que no é de natureza escolar e que se destaca pela transmisso de valores ancestrais. Apresentamos um entendimento crico da realidade, o qual só é possvel com uma transformao de paradigma cientfico, a exemplo do Pan-Africanismo que há anos vem evidenciando a urgncia de mudanas de bases terico-metodolgicas. Como resultado, temos que o cotidiano do supracitado bairro forma um patrimnio material e imaterial especfico da populao negra, sendo assim, material de apoio às propostas curriculares da educao formal sobre a populao negra.

Palavras-chave: Bairro negro; Natividade (RJ); populao negra. educao; oralidade; patrimnio material e imaterial.

Ptagonists of their own stories: Black population of Morro dos Cabritos in Natividade (RJ)

* Doutoranda em Educao pela Universidade Federal do Cear (UFC). Mestre em Ensino pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professora Efetiva da Secretaria de Educao do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). E-mail: profmarciasouza2023@gmail.com.

* Doutor pelo Instituto Politcnico de Lorraine-Franca. Professor Titular do Departamento de Engenharia Eltrica, membro permanente do Programa de Ps-Graduao em Educao da Universidade Federal do Cear (UFC). Professor Livre Docente da Universidade de So Paulo (USP). E-mail: racismoantinegro@gmail.com.

Abstract: This article is an excerpt from a doctoral research in Education that deals with the urban insertions of the black population in the post-abolition period, in the city of Natividade (RJ), based on knowledge and values of African origin that are transmitted orally in black neighborhoods. of the aforementioned municipality. It discusses the Afro-referenced teachings transmitted from generation to generation, which form an education that is not of a school nature and which stands out for the transmission of ancestral values. We present a critical understanding of reality, which is only possible with a transformation of the scientific paradigm, like Pan-Africanism, which for years has been highlighting the urgency of changes in theoretical-methodological bases. As a result, the daily life of the aforementioned neighborhood forms a material and immaterial heritage specific to the population, thus providing support material for curricular proposals for formal education on the black population.

Keywords: Black neighborhood; Natividade (RJ); black population; education; orality; material and intangible heritage.

Introdução

Neste artigo desenvolve-se uma reflexão a despeito de patrimônios culturais materiais e imateriais da população negra do Morro dos Cabritos, localizado no município de Natividade (RJ). Essa camada da população, que é parte integrante e que participou ativamente da construção da cidade, não costuma figurar como protagonista nos registros oficiais da história local. Isso ocorre devido ao racismo antinegro que estrutura a sociedade e se apresenta com nova roupagem em cada contexto histórico.

Conhecer as africanidades brasileiras nos leva a compreendê-las na espacialidade das cidades do país, pois essas estão presentes tanto no espaço urbano quanto no rural, em decorrência das diversas atividades que foram realizadas em todo o Brasil pelos africanos e afrodescendentes ao longo da história. As marcas das afroinscrições, como a oralidade, as plantações nos quintais, as histórias de famílias, as festas, as profissões, as religiosidades de matriz africana e as edificações, formam um patrimônio histórico-cultural material e imaterial que, no caso de muitas cidades brasileiras, predominantemente encontram-se nos bairros negros.

O conceito de bairros negros, definido por Cunha Junior, (2019), recente no urbanismo brasileiro, nos leva a identificar e entender como a população negra participou e participa do desenvolvimento das cidades e como suas contribuições são integradas na produção do conhecimento e nos debates científicos. De acordo com o supracitado autor, os bairros negros

São lugares físicos-conceituais para repensarmos o urbanismo brasileiro e as relações sociais brasileiras a partir da constituição das cidades formadas dentro da nossa realidade histórica. Lugar físico, pois é o real, são lugares onde habitam populações de pretos e pardos segundo os conceitos do IBGE e que designamos como negros. O lugar onde residem os herdeiros despossuídos do passado escravista criminoso,

inseridos nos processos de urbanização brasileira do período do pós-abolição e vivendo a materialização do capitalismo racista (Cunha Junior, 2019, p. 64).

A proposição bairros negros oferece uma perspectiva diferente das teorias eurocentradas e nos permite realizar uma leitura aprofundada das realidades espaciais destacando a etnia e as adversidades que a população negra enfrenta devido ao racismo antinegro. Os bairros negros de Natividade são espaços urbanos que resultaram da conjuntura histórica racista antinegro do país, que criaram “segregações espaciais e promoveram as desigualdades sociais decorrentes da ineficiência das políticas públicas. Diversos fatores históricos e sociais determinam a situação de vida” dessa camada da população (Yade, 2015, p. 45).

Como procedimento metodológico, recorreremos à revisão de literatura, à prática de campo através da história de vida cotidiana da primeira autora e de percursos urbanos realizados pela mesma no município de Natividade (RJ). No que diz respeito à revisão de literatura, estamos nos baseando em pensadores e pensadoras que estudam a população negra, espaços urbanos, formas urbanas e bairros negros, especialmente Cunha Junior (2010, 2015, 2019, 2024), bem como as questões relacionadas à oralidade, como é o caso de Hampâté Bâ (2010), Binja (2020), patrimônio, conforme Silva, Silva e Cunha Junior (2022), Silva, Nunes, Cunha Junior e Florêncio (2021), Vansina (2010), e realidades próprias ao ambiente pesquisado, a exemplo dos estudos de Souza e Cunha Junior (2019, 2020).

Diante desse contexto, evidenciando a participação da população negra na construção da cidade e da produção de patrimônios culturais que operam a história e a memória dessa população é que este estudo se propõe a suprir a lacuna de informações sobre o patrimônio edificado, produzido material e imaterialmente pela população negra do Morro dos Cabritos. O reconhecimento e estudo desse patrimônio é importante para a identificação de direito à cidade e à história das populações negras e ainda é relevante como forma de produção da identidade cultural dessa população, além de material de apoio às propostas curriculares da educação formal sobre a população negra.

Paradoxo entre a história cotidiana e história oficial

O pensamento pan-africano sempre advogou uma história própria das populações africanas e da diáspora africana em contraposição à história hegemônica europeia definida durante muito tempo como história universal. O pan-africanismo é um movimento social das populações de africanos e descendentes que se iniciou oficialmente no mundo em 1900 e que existe no Brasil desde 1904, produzindo um legado histórico divergente da tradição das formulações da história eurocêntrica, tanto

positivista como marxista (Gomes, 2014).

A proposta deste trabalho se insere no âmbito da produção de uma história própria a partir da perspectiva pan-africanista, inserida nos valores e compreensão histórica do legado da população negra.

Partimos da proposição de que mesmo na condição de escravizados, africanos e seus descendentes promoveram o desenvolvimento social, cultural, econômico e educacional do Brasil, país no qual ressignificaram suas vidas, alimentando e construindo suas memórias através da oralidade e transmitindo conhecimentos ancestrais a seus descendentes. Houve a transferência dos conhecimentos tecnológicos que os africanos possuíam para o Brasil e esses foram reinventados em solo brasileiro, de forma que muitos conhecimentos ancestrais continuam enraizados nos afrodescendentes e sendo utilizados, transformados e transmitidos aos seus. São conhecimentos dinâmicos que passaram e passam por diversas reelaborações e adaptações, apesar de uma parte ter sido perdida, por não ter recebido a valorização merecida e necessária.

Africanos e afrodescendentes desenvolveram as mais diversas atividades na área da agropecuária, mineração, arquitetura e urbanismo. No que diz respeito à arquitetura, desempenharam funções que variavam de quebradores de pedra à realização de edificações para as populações brancas e para si próprios, dentro dos recursos disponíveis.

A formação dos bairros negros urbanos de Natividade (RJ) se deu-se atrelada ao processo de libertação dos escravizados, que culminou na expulsão da população negra das fazendas, as quais construíram e onde trabalhavam para promover a riqueza dos “senhores escravizadores criminosos”. A população negra expulsa do meio rural estabeleceu-se na cidade e juntando-se aos ex-escravizados que já trabalhavam em áreas urbanas, organizaram-se em comunidades, ocupando áreas periféricas ou nas proximidades dos rios, em geral espaços insalubres e de difícil acesso nos quais construíram suas residências e especializaram uma cultura ancestral. Desse modo, nos bairros negros vislumbra-se uma população guardiã da história, arte e conhecimentos tecnológicos, que os conectam ao mundo africano.

Os bairros negros são marcados por valores tradicionais africanos, como sociabilidade, solidariedade e coletividade, valores esses transmitidos em especial pelos mais velhos, através dos exemplos, atitudes e da oralidade. E embora a sociedade desvalorize essa forma de transmissão de conhecimento, a mesma se converte num mecanismo de entendimento da realidade onde a construção de uma sociedade equilibrada é um objetivo comum e necessário ao processo de humanização. Nas ações cotidianas acontece a transmissão de conhecimento, valores e percepções de mundo que contribuem para a perpetuação de sabedorias geracionais que denominamos de ancestrais, e que, na perspectiva africana é entendida por Hampâtê Bâ (2010) como tradição viva.

Trata-se de especificidades das populações negras e da não generalização relativa às populações vulneráveis.

Nos bairros negros há transmissão de conhecimentos que não são de natureza escolar, que por vezes primam por conservar e reproduzir práticas preconceituosas e racistas, mas sim conhecimentos que se destacam pela transmissão de valores sociais como o respeito com as outras pessoas e com o meio ambiente.

Nessa perspectiva, apontamos já de início que não é nosso interesse apenas demonstrar as proximidades culturais entre os bairros negros e o continente africano, mas atentar para que o patrimônio histórico e sociocultural imaterial e material e os saberes ancestrais presentes nos bairros negros sejam preservados e possam ser conhecidos, reconhecidos e entendidos.

As vivências e o cotidiano dos moradores dos bairros negros, tais como as crenças, as rezas, os banhos de ervas, os chás, as garrafadas, as músicas e as histórias que os mais velhos contavam e contam, são evidências de pertença africana que vêm sendo passadas de geração a geração há séculos e constituem-se em conhecimentos e culturas que vieram de longe, do outro lado do oceano para o Brasil.

Considerar e divulgar os ensinamentos presentes nos bairros negros é essencial para que esse patrimônio seja entendido como evidência das valorosas contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira.

Patrimônio sócio-histórico e cultural do bairro negro Morro dos Cabritos em Natividade (RJ)

Do ponto de vista geográfico e histórico, a cidade de Natividade está localizada no vale do rio Carangola, na divisa dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, na região denominada Noroeste Fluminense. Região primeiramente habitada pelos nativos Puris, que posteriormente tiveram suas terras invadidas, nas quais grandes fazendas foram construídas a partir da introdução e produção da mão de obra escravizada. Trata-se de uma região de produção agrícola que teve como principais produtos a poaia, o arroz e o café (Souza; Cunha Junior, 2022; Corrêa, 2012). Com a abolição do escravismo criminoso e com as políticas imigratórias, realizadas pelo império e pela república, a região recebeu imigração europeia desde 1897 (Bartholazzi, 2001).

A despeito da história das populações negras no pós-abolição, focamos no trabalho de pesquisa desenvolvido como parte da tese de doutoramento da primeira autora deste estudo e produzimos o recorte sobre patrimônios culturais da população negra local. As histórias do cotidiano dos bairros negros podem ser tecidas de diversas formas, dentre elas o uso da oralidade, das conversas de família, dos acervos fotográficos e das autobiografias. Também utilizamo-nos dos percursos urbanos, memórias e vivências da autora para produzirmos uma abordagem sobre a produção da história do município de Natividade, (Souza; Silva, 2022) e teses e dissertações que tratam sobre a região

(Bartholazzi, 2001, 2009).

A oralidade e as práticas culturais sempre estiveram muito presente nos bairros negros de Natividade, seja nas histórias contadas pelos mais velhos, que as crianças esperavam ansiosas por ouvir, nos aconselhamentos que eram/são muito frequentes ou nos relatos de vida que costumavam contar. Através da oralidade, eram e são naturalmente repassados muitos aprendizados sem que os anciões imaginassem que se tratava de um hábito cultural africano, próprio e autêntico, uma forma de relatar, descrever, ensinar, discorrer sobre a vida e responder a interrogações milenares dos homens (Binja, 2020).

Os mais velhos contam as histórias que aprenderam com os pais, que aprenderam com seus avôs e assim sucessivamente. Através da oralidade, espontaneamente no cotidiano, os conhecimentos ancestrais são repassados, conforme aponta Vansina (2010, p. 139-140), “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”. Trata-se de uma evidência transmitida pela fala e que se perpetua de geração a geração, é o pertencimento africano falando por si.

Às tardes de domingo, ainda é comum as senhoras sentarem-se para conversar. Passando longos períodos contando aos mais novos sobre os bailes de sua juventude, nos grandes terreirões ao som do acordeon, iluminado com tochas de fogo feitas de bambu gigante. Essa ação de se reunir ao ar livre, junto ao fogo, é vista em muitas culturas africanas, como no caso dos povos Mandingas, os quais sob a luz de fogueiras contam histórias, “quase sempre de caráter sagrado ou heroico que, durante horas, entusiasma dezenas de crianças” (Brito, 1997, p. 112-113 *apud* WEIMER, 2014, p. 82).

Também falam sobre as festanças de casamento, que iniciavam dias antes, com parentes chegando para ajudarem no preparo da comida para o dia da festa e sobre a ida à igreja para casarem levadas por um carro de boi.¹

Entre uma conversa e outra, por vezes as senhoras cantam canções antigas que aprenderam quando jovens e crianças, momentos em que naturalmente demonstram os fortes traços de sua ancestralidade. Contando ou cantando, em seu cotidiano, através da repetição, transmitem conhecimentos que lhes foram passados para serem futuramente repassados.

Pertencimento em relação à natureza: ervas que curam

1 Os carros de bois são meios de transporte fabricados pela população negra desde o período escravista criminoso, sendo destinados ao transporte de produtos comerciais e de pessoas. A construção de carros de bois era uma verdadeira obra de engenharia, considerando a geometria das rodas que eram/são de madeira (Cunha Junior, 2015).

Nas culturas africanas e afrodescendentes é forte a relação entre os seres humanos e os demais seres da natureza. Essa relação é bastante explicitada nas religiões de matriz africana e constituem parte da memória da população negra local refletida na relação com as plantas dos quintais e com o uso de ervas medicinais (Souza; Souza; Cunha Junior, 2020); (Souza, Cunha Junior, 2023).

Existe na cultura do Morro dos Cabritos a transmissão dos conhecimentos sobre as ervas para as crianças. Essa transmissão é sistemática, encontra-se na palavra cotidiana dos adultos: as ervas que curam. As crianças da localidade sabem que se estão tossindo devem ingerir sumo de saião² com sal, que quando caem o emplasto de arnica³ é um “santo remédio”, que pela manhã “é sagrado” tomar o chá de hortelã-miúdo⁴ e de alevente⁵. E à medida que as crianças crescem, identificam com grande facilidade essas e muitas outras ervas que são utilizadas em seu cotidiano. Os mais novos, nas décadas de 70 a 90 do século passado, quando iam apanhar lenha no mato ou cortar vassoura⁶ na companhia dos pais, ao passarem perto de determinadas ervas eram advertidos a pegarem uma folha esfregarem nas mãos e sentirem o cheiro para aprenderem a distinguir uma erva da outra, como confirma o relato de Hampâté Bâ (2003, p. 13): “desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se escrevia em nossa memória”.

E assim no cotidiano são transmitidos os diversos conhecimentos geracionais, assemelhando-se ao contexto africano, onde, segundo Altuna (2014, p. 40) o conhecimento decorre de uma diversidade de formas de educar, seja “ao ar livre, nas reuniões com os velhos ou sábios, à noite, à volta da fogueira ou privadamente, nas escolas de iniciação”.

Outro conhecimento, também demarcador de africanidades, é a utilização de óleo de mamona. Há senhoras muito procuradas devido ao seu conhecimento na fabricação desse óleo, também conhecido como óleo de rícino. Essas senhoras detêm um grande conhecimento tanto para a fabricação quanto para “receitar” a correta utilização do poderoso medicamento, que elas sabem dosar para que o mesmo seja utilizado ora

2 O saião é uma planta africana utilizada para o trato de infecções respiratórias, para o tratamento de gastrite e úlcera, além de possuir ação anti-inflamatória e cicatrizante (Lisboa; Ferreira; Silva, 2006). O saião também é usado nos rituais afro-religiosos (Almeida, 2011).

3 A arnica tem efeito anti-inflamatório e alivia a dor. Quando alguém tinha uma contusão fazia o emplasto, uma espécie de curativo, socando a arnica e colocando sobre o local afetado, posteriormente amarrava um pano para segurar a arnica no local. De acordo com Pinheiro, Povh e Calábria (2021), a arnica é utilizada nos cultos afro-religiosos, especialmente no candomblé.

4 O hortelã-miúdo tem propriedades anti-inflamatórias e relacionadas ao tratamento de problemas digestivos, possui ainda efeito calmante, diminuindo a ansiedade. Segundo Pinheiro, Povh e Calábria (2021), o hortelã é uma das diversas plantas utilizadas nos cultos afro-religiosos do candomblé.

5 Levante ou alevente também faz parte dos rituais afro-religiosos (Pinheiro; Povh; Calábria, 2021), tem efeito calmante, trata gripes e resfriados, além de problemas digestivos.

6 Vassoura é uma planta comum em Natalidade, além dos efeitos benéficos para a saúde dos cabelos (vassoura preta), utilizávamos para varrer o terreiro, para tanto, cortávamos o caule da planta e amarrávamos com cipó em um cabo de madeira.

como laxante, ora como anti-inflamatório, como auxiliar na cicatrização de feridas ou ainda para fortalecimento dos cabelos.

A utilização de plantas que acontece frequentemente e naturalmente nos bairros negros é um dos conhecimentos transferidos da África para o Brasil, nessa direção Meira e Oliveira (2013) apontam que

[...] o conhecimento dos vegetais é fator preponderante nas relações com o mundo [...]. É através desse relacionamento que o homem chega a uma forma de conhecer, organizar, classificar e experimentar, integrando o mundo natural ao social dentro de uma lógica particular (Meira; Oliveira, 2013, p. 1692).

Entende-se que os conhecimentos supracitados, transmitidos no dia a dia dos bairros negros de Natividade, sobre a utilização e preparo das ervas que eram/são passados para as crianças são referências do âmbito africano presentes no cotidiano da região. São, portanto, africanidades relativas ao pertencimento afrodescendente. Esses conhecimentos podem ser ainda de grande importância para novos estudos no sentido de levar à descoberta de princípios ativos de novos medicamentos na contemporaneidade, por exemplo.

O conhecimento sobre as situações de cura através das ervas nos leva a refletir sobre o pertencimento à natureza: o pensamento eurocêntrico separa mente e corpo, homem e natureza, tornando-a utilitária dentro de um viés produtivo e mercadológico diferente da percepção das sociedades africanas e também dos povos indígenas, que não comungam dessa ideia, pelo contrário, compreendem a natureza como parte de si, por isso o intuito é protegê-la, retirar dela o necessário para suas atividades de vida, sem desequilibrá-la.

A natureza é sagrada, senti-la nos conecta às energias vitais do passado e do presente que nos inspira tanto a manter nossa memória individual e social, como a produzir novos conhecimentos.

Relação com a terra e o meio ambiente

Durante muitas décadas o município de Natividade (RJ) e região foram grandes produtores de arroz. E a profícua produção desse arroz foi possibilitada pelos trabalhadores negros que residiam nas zonas rurais e pelos moradores dos bairros negros da cidade que saíam cedo de suas casas e desciam o morro para trabalhar na plantação. Realizavam atividades que iniciavam com a plantação dos grãos, passavam pelos cuidados diversos, à colheita do arroz e posteriormente manuseio das máquinas de arroz. Não é de se admirar o sucesso da agricultura do arroz na região devido ao quantitativo de africanos e afrodescendentes, possuidores de um exímio conhecimento

sobre as técnicas necessárias para trabalharem em arrozais, além das similares especificidades do relevo e das características do solo tropical:

[...] houve uma sistemática preferência por parte do colonizador europeu, acostumado com climas temperados, em sequestrar pessoas africanas da mesma região da África ocidental em que ocorreu a domesticação africana do arroz negro, com intuito que forçadamente, estes reproduzissem nas Américas seu conhecimento, técnicas e tecnologias (Nascimento, 2021, p. 1).

Ainda nessa direção, vale a pena destacar que a população negra foi, no período do apogeu da agricultura da região, muito mais que força bruta, pois manejavam com maestria o sistema de produção do arroz, que de acordo com Chatelin (1987) era um trabalho completamente desconhecido para os europeus que não detinham conhecimento sobre dinâmicas de paisagens tropicais.

A grande produção de arroz que havia em Natividade demonstra a qualificação da população negra para a produção do arroz e simboliza a importância dos africanos e descendentes para a produção da cidade. Visto que essa grande produção movia a economia do município.

A bem sucedida experiência com o cultivo do arroz comprova o pioneirismo, competência e conhecimento da população negra na produção desse cereal (Carney, 2001), bem como a funcionalidade da educação recebida nos bairros negros, visto que por décadas os moradores dessas localidades realizaram esse trabalho. E as técnicas e tecnologias utilizadas eram transmitidas para os filhos, que desde novos acompanhavam os pais na “lida” e aprendiam a cultivar com excelência o referido cereal.

Vida em comunidade: sociabilidade e características das construções

Os primeiros moradores do Morro dos Cabritos construíram suas moradias em comunidade, todos participavam, tanto a família quanto os futuros vizinhos se organizavam e com antecedência buscavam os materiais que utilizariam no dia da construção da nova casa. A construção feita em grupo caracteriza uma forma criada pela população negra local de reinvenção dos meios de manutenção e fortalecimento dos vínculos de sociabilidade e comunitarismo.

Em geral, as casas eram feitas de pau a pique, dessa forma alguns iam para o mato cortar sapé,⁷ enquanto outros cortavam bambu e as madeiras que iriam precisar. Ressalta-se que o capim, a palha e a madeira são materiais amplamente utilizados pelos grupos étnicos africanos, especialmente os bantos e sudaneses (Weimer, 2014). Os

7 O sapé, também conhecido como sapê ou capim-sapé, é um tipo de capim que quando está seco é usado para cobrir os telhados das casas de taipa.

materiais eram transportados para o local, na maioria das vezes, nas costas. No dia da construção, também as mulheres e crianças participavam, carregando água do rio Carangola e ajudando a amassar o barro e a realizar as amarrações dos bambus para verem subir as paredes da nova casa.

A taipa de mão, também chamada de pau a pique, é uma técnica africana, introduzida no Brasil durante o período do escravismo criminoso e que constituiu o urbanismo, tanto no campo quanto nas cidades. A taipa de mão é produzida a partir da terra crua, na qual é introduzida sangue de animais, fibras vegetais, óleos e esterco animal. A massa é aplicada com a mão “sobre a trama de galhos de árvores amarrados com arame, cipó ou fibra vegetal” (Cunha Junior, 2010, p. 29).

O fato é que as edificações construídas coletivamente nos bairros negros de Natividade constituem uma sociabilidade pautada no valor coletivo do bem comum, que tem suas raízes no contexto social africano, onde, segundo Weimer (2014) muitos grupos culturais realizam o trabalho construtivo das casas através da coletividade, a exemplo dos We/Guere que habitam o território entre a Costa do Marfim e a Libéria.

Na construção das casas, no bairro negro Morro dos Cabritos de Natividade (RJ), os homens ficavam encarregados de levantar as madeiras para as paredes e para a estrutura do telhado e as mulheres por amassar o barro para a taipa.

Os valores de sociabilidade, coletividade e comunitarismo nos propiciam enxergar a nossa existência pela existência do outro enquanto processo de humanização. Nesse contexto, Altuna (2006) nos adverte que o indivíduo apenas poderá se constituir enquanto ser humano se sua existência estiver relacionada à existência dos demais seres humanos. Esse princípio de existência era absolutamente perceptível na alegria do grupo ao construir em conjunto os barracos para os novos moradores do bairro negro de Natividade, sentimento que é parte de uma filosofia que:

[...] integra a vida das pessoas em condições específicas, influenciando sua condição e aspiração [possibilitando] a capacidade de atender aspirações condizentes com determinado grupo e em dadas circunstâncias, ressaltando a tônica predominante: o sentido do ser que se faz presente, agregando valores à vida, reconstituindo olhares e fazeres de determinado contexto (Batista, 2015, p. 110).

Após o término da edificação das habitações, nos bairros negros de Natividade era comum ocorrer uma confraternização, um almoço normalmente preparado por parentes e amigos dos novos moradores. Caracterizando uma festa da obra de construção de uma nova moradia, com participação de adultos e crianças envolvidos e juntos ensinando e aprendendo uma máxima da cultura africana que é o viver em comunidade e sociabilidade. A cada nova construção, eram naturalmente transmitidos ensinamentos específicos referentes ao bem viver coletivo e cuidado com o bem-estar do próximo, uma concepção do sentido das especificidades de uma população em condições específicas.

E à medida em que construíam os conhecimentos, eram passados para os mais novos, que aprendiam a selecionar a melhor argila, através do tato e da observação, além de precisarem conhecer a profundidade precisa para retirada da argila para que a mesma apresentasse a umidade adequada. Daí a argila era esfarelada e utilizada com a quantidade exata de água para que fosse amassada, utilizando as mãos e pés até obter uma massa homogênea, pronta para uso. Trabalho, que para ser realizado requer técnica e pensamento racional e sistemático e configura uma legítima continuidade cultural e histórica da tecnologia africana, uma historicidade verdadeiramente cíclica e não linear presente nos bairros negros de Natividade.

Grandes construções na cidade

Estudos sobre o reconhecimento da herança africana edificada foram realizados utilizando o método de percursos urbanos (Silva; Cunha Junior, 2019). Da mesma forma, esse método foi utilizado em Natividade, na qual diversos percursos foram realizados tanto na área urbana quanto na rural (Souza; Silva, 2022)

A técnica construtiva utilizada nas casas de pau a pique dos moradores dos bairros negros foi difundida e estendida tanto que também se encontra na região a utilização da taipa de mão em belíssimas e bem elaboradas construções, realizadas pelos trabalhadores e moradores dos bairros negros da região, a exemplo o robusto casarão (ver Figura 1) de dois pavimentos na cidade de Varre-Sai, que foi distrito de Natividade até o ano de 1993, no qual é possível observar (ver Figura 2), conforme afirma Martino (2011, p. 5), a presença da taipa de mão numa “vitrine instalada sobre um recorte (prospecção) na alvenaria feita num dos cômodos”.



Figura 1 – Casarão, edificado por volta de 1850.
Fonte: Martino (2011, p. 7).



Figura 2 – Detalhe na parede do casarão.
Fonte: Martino (2011, p. 5).

Chamamos atenção para a observação de que na realização dessas imponentes construções encontramos profissões relacionadas a trabalhos com madeira, como serradores, carpinteiros e marceneiros. Profissões que se entende requererem um grande conhecimento tanto na escolha da madeira adequada quanto para o manuseio das ferramentas para realizar os entalhes em madeira conforme o que se pode observar na construção acima.

Depreende-se que além de ensinar aos mais novos o trabalho com a taipa, a população negra moradora dos bairros negros da cidade também transmitia os conhecimentos referentes às particularidades com o trabalho com madeira. Nas edificações há diversas técnicas construtivas, mas chama atenção a estrutura feita em madeira pesada separando os fechamentos em taipa. Destaca-se que na literatura ocidental a tecnologia da separação da estrutura do fechamento, como aborda Benevolo (1976), pertence a forma construtiva que consagrou o modernismo no início do século XX. Esse fato, como muitos outros, demarca a relação entre as histórias universais únicas, eurocêntricas e as histórias plurais formadas a partir das localidades e dos grupos sociais (Cunha Junior, 2024).

Conhecimentos sobre os significados da vida: o caso das benzedeadas e parteiras

Dentre as práticas utilizadas no cotidiano dos moradores dos bairros negros de Natividade (RJ) destaca-se a de rezadeiras ou benzedeadas e a realização do trabalho das parteiras. As rezadeiras eram/são senhoras/senhores mais velhos muito respeitados devido ao seu conhecimento, conforme ocorre na África. Bernat (2008, p. 33-34), conta-nos que “ao contrário do nosso país, onde há certa obsessão pela juventude, na África Ocidental as pessoas disputam para ver quem é o mais velho”.

As rezas e benzeduras eram/são práticas relacionadas ao universo do bem-estar, saúde e alívio a diversos sofrimentos de muitas pessoas. Para cura e tratamento de certas doenças, a exemplo, diarreia, espinhela caída, quebranto e ventre virado, que acometiam principalmente as crianças, essas eram levadas para o rezador ou rezadeira e não para o médico.

As portas das casas dessas pessoas ficavam sempre abertas para receberem quem precisasse de uma benção. Elas conversavam com as mães para entenderem o que se passava e rezavam de acordo com o tipo de moléstia que a pessoa apresentasse. E é/era impressionante os visíveis efeitos sobre a saúde do paciente.

A “benção é um veículo que possibilita a seu interlocutor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro, e entre ambos simultaneamente” (Oliveira, 1985, p. 9). Tais relações, via de regra, aconteciam entre os moradores do mesmo bairro, propiciando um melindroso processo de trocas simbólicas.

O ofício de parteira era desempenhado por mulheres mais velhas e sempre experientes. Havia por parte das vizinhas, amigas, comadres, irmãs mais velhas ou pessoas de confiança do bairro um especial cuidado e organização para auxiliarem a mulher durante o parto. Esse era um momento de solidariedade em que reuniam-se as mulheres envolvidas para acompanharem todo o processo e prestarem o apoio necessário à parturiente. Utilizavam-se de rezas e benzimentos, também de utensílios domésticos, como bacia, tesoura, azeite e a cachaça para uso nos procedimentos de esterilização e cortes (Del Priore, 1995).

Esses conhecimentos sobre a vida se inserem na categoria de tradição herdadas de antepassados africanos. Segundo Hampâté Bâ (1982, p. 196), nas sociedades tradicionais de África, as ações humanas eram vislumbradas como sagradas, “principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo”. De modo que se constata que as citadas práticas humanitárias e que se referem a um caráter sagrado são heranças africanas reelaboradas nos bairros negros de Natividade (RJ), que eram/são passadas aos mais novos pelos mais velhos.

Demais conhecimentos

Nos bairros negros de Natividade haviam/há as “famosas e famosos” produtores artesanais de balaios, peneiras, esteiras, colchões pespontados preenchidos com o capim específico e os macios travesseiros de paina que fabricavam para uso da família e também para venderem e obterem renda familiar ou complementar.

Cabe também mencionar aqui a produção de sabão, atividade cotidiana de algumas senhoras detentoras e guardiãs dessa tecnologia, prática que de acordo com Souza e Morais (2013, *apud* Ferreira *et al.*, 2022, p. 11), remonta ao Egito, pois os egípcios “utilizavam um material semelhante ao sabão para esse momento de higienização pessoal e para tratar doenças de pele”.

Ainda nessa direção, destaca-se o trabalho das lavadeiras, passadeiras e engomadeiras que dominavam um saber específico para a execução dessas tarefas. Inclusive elas utilizavam ferro de carvão, para tanto ainda apanhavam lenha no mato e rachavam-na para uso e produção do carvão.

As exímias lavadeiras ensaboavam as roupas, estendiam-nas sobre a grama ou sobre pedras na beira do rio para pegarem sol e constantemente regavam-nas. E ainda utilizavam-se de suco de limão e às vezes sal como fixadores de cores de algumas roupas, dependendo do tecido. Além de possuírem conhecimento sobre ervas aromáticas com as quais preparavam “águas de cheiro” para diversas finalidades, entre essas, para utilizarem nas roupas que eram entregues cheirosas e bem organizadas.

A proximidade e o convívio das lavadeiras que juntas caminhavam em direção

ao rio, juntas lavavam as roupas e juntas voltavam para suas casas é um elemento fundamental, pois representa uma sociabilidade que garante a preservação da cultura e tradição e não deixa morrer as memórias dos primeiros que chegaram por aqui. Ao cantarem durante a lavagem de roupas, relembavam cantos ancestrais, que sobreviveram apesar das acentuadas mudanças no modo de vida da população negra após sequestro da África.

Essa atividade realizada pelos mais velhos juntos aos mais novos também proporciona/proporcionava um estreitamento de laços afetivos, carregado de significações e fortalecimento de identidade e vínculo.

Considerações finais

Pensar e produzir a história local dentro da perspectiva da população negra é um desafio em curso que encontra um considerável número de barreiras de fundo ideológico e profissional dentro do campo das ciências humanas e, em particular, da História, devido as permanências da dominação eurocêntrica. Os processos de evidências e registros documentais estão ainda passando por diversas formas de aprimoramento e de validação científica. No entanto, neste artigo utilizamo-nos de formas contidas na história geral da África quanto aos modos inovadores de produção da história africana e também das formas recentes elaboradas nas pesquisas da nossa linha de estudo em Educação, a saber “Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola”, da Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual enfocamos a população negra. Esse artigo demonstra a existência de farto material patrimonial da população negra no bairro negro Morro dos Cabritos, em Natividade (RJ). Para tanto utilizou-se dos recursos da oralidade, conhecimentos prévios da primeira autora e ex-moradora do supracitado bairro, de percursos urbanos pelo bairro, conversas e observação participante para a produção de um extrato do repertório de patrimônios contidos na referida localidade.

Com base no conceito de bairros negros estruturou-se o estudo da especificidade do cotidiano, do modo de vida e da forma urbana da população negra local no intuito de contribuirmos para o entendimento da importância desses elementos para a escrita da história da população negra local no pós-abolição.

Referências

ALTUNA, Raul Ruiz Asúa. *Cultura tradicional bantu*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). *História geral da*

África: metodologia e Pré-História da África. v. 1. São Paulo: Ática, 1982. p. 166-205.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkouell, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2003.

BARTHOLAZZI, Rosane Aparecida. *Imigrantes italianos em uma nova fronteira: Noroeste Fluminense (1896 – 1930)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ, 2001.

BARTHOLAZZI, Rosane Aparecida. *Os italianos no Noroeste Fluminense: estratégias familiares e mobilidade social 1897-1950*. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, RJ, 2009.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. *Clubes sociais negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora/MG*. Tese (Doutorado em Educação) – UFC, Fortaleza, CE, 2015.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BERNAT, Isaac. *O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Unirio, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

BINJA, Elias Justino Bartolomeu. Tradição oral em África: valores, movimento e resistência. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 3., 2020, São Cristóvão. *Anais [...]*. São Cristóvão: PPGS/UFS, 2020.

CARNEY, Judith A. *Black rice: the african origins of rice cultivation in the Americas*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

CHATELIN Yvon. Estudos do solo e da paisagem tropical: nascimento das comunidades científicas e das relações com o mundo rural. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 9-20, jan./abr. 1987.

CORRÊA, Márcio Xavier. *Memória sobre a economia extrativa da poaia*. Dissertação (Mestrado em História) – UFJF, Juiz de Fora, MG, 2012.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. *Revista ABPN*, v. 11, p. 65-86, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. A estrutura separada do fechamento: a casa de Varre-Sai produzida pelos escravizados do vale do Carangola. Niterói-RJ. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNACULAR POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2024, Niterói. *Anais [...]* Niterói: UFF, 2024.

CUNHA JUNIOR, Henrique. A espacialidade urbana das populações negras: conceitos para o patrimônio cultural. In: SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique. (Org.). *Afro Patrimônio Cultural*. v. 1. Fortaleza: Via Dourada, 2019. p. 41-83.

CUNHA JUNIOR, Henrique. *Tecnologia africana na formação brasileira*. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 14, n. 166, p. 104-111, 2015.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

- FERREIRA, Isabel Fernandes; ALVES, Kerley dos Santos; ANDRADE, Ângela Leão; SANTOS, Viviane Martins Rebello. A produção artesanal do sabão nas perspectivas histórica, ambiental e educativa no ensino da química. *Alemur*, Ouro Preto, v. 7, n. 1, p. 10-16, 2022.
- GOMES, Fabio Florenço. *Pan-Africanismo, historiografia e educação: experiências em Cabo Verde e Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFC, Fortaleza, CE, 2014.
- MARTINO, Marcelo Salim de. *Inventário do patrimônio ambiental e urbano do núcleo histórico de Varre -Sai*. Miracema: Edição do autor, 2011.
- MEIRA, Celio Silva, OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. O uso das plantas sagradas nas religiões afro-brasileiras: um estudo de caso nos espaços religiosos da umbanda de Poções-BA. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 10., 2013, Vitória da Conquista. Anais [...]. Vitória da Conquista: Museu Pedagógico, 2013. p. 1689-1700.
- NASCIMENTO, Aline Penha. Arroz negro africano e as paisagens tropicais das Américas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021, Virtual. Anais [...]. Enanpege, 2021.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, Meryelle Macedo da; CUNHA JUNIOR, Henrique. Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afro- cratense. *GeoTextos*, Salvador, v. 15, n. 2, p. 199-215, 2019.
- SILVA, Meryelle Macedo da; SILVA, Rafael Ferreira da; CUNHA JUNIOR, Henrique. Percursos urbanos como método de reconhecimento do patrimônio cultural negro. *Revista Cocar*, Belém, v. 16, n. 34, p. 1-18, 2022.
- SILVA, Meryelle Macedo da; NUNES, Cicera; CUNHA JUNIOR, Henrique. FLORENCIO, Thiago de Abreu e Lima. O ensino de Geografia e a apresentação do Patrimônio Afro Arquitetônico no Cariri Cearense. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 39, n. 4, p. 1-20, 2021.
- SOUZA, Márcia Aparecida de; CUNHA JUNIOR, Henrique. Quintal urbano: memória negra e sustentabilidade. In: SIMPÓSIO SOBRE SISTEMAS SUSTENTÁVEIS, 7., 2023, Porto Alegre. Anais [...]. Madri: IAHR Publishing, 2023. v. 1. p. 275-282.
- SOUZA, Márcia Aparecida de; CUNHA JUNIOR, Henrique. Poaia, ciclo extrativista da economia do Vale do Rio Carangola. *Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade*, Curitiba, v. 11, p. 45-57, 2022.
- SOUZA, Márcia Aparecida de; SILVA, Meryelle Macedo da. Percursos urbanos em Natividade-RJ: Perspectiva para o reconhecimento do patrimônio cultural negro. In: JORNADA VIRTUAL INTERNACIONAL EM PESQUISA CIENTÍFICA: EDUCAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA, 4., 2022, Porto. Anais [...]. Porto: Editora Cravo, 2022. P. 749-758.
- SOUZA, Luiza Maria de; SOUZA, Márcia Aparecida de; CUNHA JUNIOR, Henrique. Quintal de Dona Luíza Souza como parte da inserção da População Negra na cidade. *Revista ABPN*, Curitiba, v. 12, n. 34, p. 238-259, 2020.
- VANSINA, Jan. Tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). *História geral da África: metodologia e Pré-História da África*. v. 1. 2 ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p.

142-165.

WEIMER, Gunter. *Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

YADE, Juliana de Souza Mavoungou. *Vôzes e territorialidades pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária - o caso do Cururuquara*. Tese (Doutorado em Educação) – UFC, Fortaleza, CE, 2015.

Recebido em 20/06/2024

Versão final reapresentada em 11/11/2024

Aprovado em 11/11/2024

Contribuições dos autores: Souza: planejamento da pesquisa, pesquisa bibliográfica, redação do texto, memórias da autora, realização de pesquisa de campo e percursos urbano; Cunha Junior: aprofundamento da discussão sobre o pensamento pan-africano, revisão textual e bibliográfica.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.